

Capitalismo, estresse e doenças

Jean Costa Santana*

O sistema capitalista tem se tornado cada vez mais danoso à saúde humana. Aliado a esse sistema, temos a indústria farmacêutica, que funciona como uma das conexões inerentes à forma de produção capitalista lucrando, inegavelmente, as custas dos danos orgânicos e psicológicos que são causados ao corpo humano por conta desse modo de produção atual (ILLICH, 1984; DANTAS, 2015). Contudo, o estresse, aqui tratado, é tido como elemento mediador entre a forma de produção moderna e algumas doenças que envolvem o dano tecidual, sendo compreendidas, portanto, como efeito dessa lógica produtiva que é, inegavelmente, altamente danosa à saúde humana.

Nesse sentido, é válida a desmistificação de que o estresse seja a causa principal das doenças ou dos distúrbios físicos obtidos por influência psicológica, de outro modo, é destacado, por este artigo, o modo de produção capitalista que, diretamente ou indiretamente, condiciona o estresse e este, por sua vez, pode provocar danos ao corpo humano por meio do surgimento de doenças que tem por influencia a alteração bioquímica orgânica, referente ao corpo humano em estado de elevado estresse.

Todavia, existe um equívoco propagado pela atmosfera ideológica midiática, em que se tenta esconder a causa pelo efeito, enfatizando, assim, o estresse como a causa de doenças e não como efeito das relações sociais submetidas ao modo de produção capitalista. Sendo assim, cabe-nos aqui, fazer a essencial discriminação entre estresse e os fatores estressores criados pelo modo de produção capitalista, e, sobretudo, expor sobre os possíveis danos ao corpo humano que podem estar associados ao estresse provocado, todavia, por esse regime de acumulação integral.

Dessa forma, acredita-se que a venda da força de trabalho por parte da classe trabalhadora, a inerente competição social existente, a burocracia estatal, a mercantilização

* Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Anhanguera de Anápolis (2012), Especialização em Docência e Metodologia Do Ensino Superior pela Faculdade Anhanguera de Anápolis (2014), Especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Goiás (2015), e Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Católica de Anápolis (2015). Atualmente atua como Psicólogo Educacional e Clínico no Centro de Apoio a Inclusão Social; Antônio Ferreira Primo e como Psicoterapeuta em consultório pessoal particular, assim como psicopedagogo Clínico no atendimento de crianças e adolescentes e suporte organizacional na avaliação de instituições. Tem experiência na área de docência, publicação de artigo científico em revista periódica e apresentação de pesquisas em seminários.

dos recursos primários de vida, a miséria social, a ideologia da “escassez” como base do sistema econômico, a falta de emprego aliado ao infinito aglomerado de novos recrutas para o exército de reserva, esses são alguns - entre outros-, os fatores estressores que fazem respirar o modo de produção capitalista.

Vivemos numa forma de economia aonde as necessidades humanas foram mercantilizadas. A classe trabalhadora tem a obrigação de vender a sua força de trabalho para poder sobreviver, enquanto a classe dominante se perturba e se neurotiza dentro de uma lógica obsessiva compulsiva por lucro e poder (SCHNEIDER, 1977). Tudo isso, segundo a lógica do capital, onde o dinheiro adquire uma deificação estando elevado como maior bem humano, cria uma dinâmica de quantificação e mercantilização (FROMM, 1983) que pode causar no ser humano um contato cada vez mais superficial e sintético com o mundo. Dentro dessa dinâmica capitalista, há a exploração de pessoas por próprias pessoas, há a competição desenfreada e a hostilização velada entre as relações humanas no lugar da cooperação, há a destruição da natureza, há a fabricação de necessidades desnecessárias embasadas em um consumo desenfreado, há a criação de guerras e a propagação da fome e da miséria como efeito colateral devido à acumulação extrema de alguns em contrapartida à escassez de outros. Debaxo da lógica do capital, há a sensação de insegurança, de medo e de pânico que são necessários devido à dinâmica circular das relações sociais de opressão capitalistas. Sendo assim, a *indústria* farmacêutica, que nasce desse modo de produção, mantém uma relação interdependente com as misérias provocadas pelo capitalismo, sendo, portanto, essa indústria, mais uma das forças cíclicas para se obter o lucro e, ideologicamente, amenizar os danos escondendo sua verdadeira causa. Vivemos numa era em que a miséria, as crises e as doenças geram lucro, sendo legitimados pelo ciclo vital do capital, portanto, o estresse é algo indissociável do sistema capitalista, sendo impossível viver sem se estressar em algum momento da existência estando submetido à essa norma-padrão de vida.

O estresse, contudo, é algo adaptativo do organismo humano nos preparando, fisiologicamente, para o enfrentamento de situações cotidianas que sejam nocivas ou prejudiciais à saúde. Dessa forma, essa preparação corporal se manifesta em nível fisiológico com a distribuição sanguínea para as extremidades do corpo, a aceleração dos batimentos cardíacos e, além da hiperventilação, o aumento da pressão sanguínea; em nível psicológico, o estresse provoca a ansiedade e a tensão, assim como uma atenção exacerbada diante de um iminente risco ou perigo (HOLMES; 1984). Todavia, o estresse causado pelo modo de

produção capitalista ganha especificidades distintas de modo que não depende do organismo certos manejos para a adaptação, mas sim se “submeter” as determinações estruturais desesperançosamente.

Freud, em seu livro *O mal estar na civilização (1930)*, estabelece alguns elementos estressores que são inerentes à realidade e às experiências humanas, como as relações interpessoais frustradas; catástrofes da natureza e a debilitação orgânica gerada pelo envelhecimento natural. Entretanto, inferimos que, mesmo que esses eventos sejam estressores, os mesmos fazem parte de um processo aleatório, situacional e natural, onde o ser humano mesmo que afetado, é levado a entender e assimilar tais acontecimentos.

Todavia, o estresse condicionado pelo sistema de produção capitalista, assume pretensões de intensidade, duração e incapacitação, de modo que o organismo hostilizado não consegue se adaptar à situação estressante, pois a mesma excede a sua reação às novas possibilidades. A falta de desemprego, por exemplo, pode deixar o pai de família altamente estressado e nesse caso, como o organismo não consegue se adaptar a situação (pois não depende somente dele o estar empregado) o corpo humano responde com uma série de reações bioquímicas, que em outra situação possibilitaria o organismo a se adaptar a uma situação de estresse que fosse controlado.

Segundo página do site DATASUS publicada em 2014, o infarto do miocárdio (doença que também está ligada ao estresse) ocupa uma das causas principais de morte no país. O infarto do miocárdio ou as doenças relacionadas ao sistema cardiovascular, como a hipertensão, estão associadas ao estresse a partir do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, que diante do insucesso de adaptação a um evento estressor, possibilita alterações bioquímicas corporais como o aumento da produção de cortisol, a frequência cardíaca elevada, o aumento da pressão sanguínea, o avanço do colesterol e a oclusão das artérias por meio de coágulos provocados pela alta produção de hormônios como a epinefrina e a noroepinefrina (desregulação das catecolaminas circulares) no sistema cardiovascular (HOLMES, 1984).

Outra enfermidade que envolve o dano orgânico e que também pode estar relacionado com o estresse é o câncer. O câncer envolve a reprodução anormal das células, de modo que as mesmas se multiplicam desorganizadamente quebrando a programação genética. Holmes (1984), cita uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, onde pessoas com desesperança ou repressão das emoções, apresentaram serem mais susceptíveis a essa alteração genética. Não obstante, o câncer pode ter diversas causas, desde mutação

espontânea das células, ou o próprio contato com substâncias cancerígenas (elementos carcinogênicos; tabaco, amianto, luz ultravioleta). Todavia, ninguém pode discordar de que a vulnerabilidade na imuno competência do sistema imunológico esteja relacionada com o estresse e este, por sua vez, pode influenciar no surgimento do câncer ao baixar as defesas imunológicas do organismo (HOLMES, 1984).

Entretanto, segundo nosso referencial bibliográfico, existem outras doenças como as úlceras pépticas e as artrites reumatóides, que podem ter como influência o estresse. Porém, essas e outras doenças do campo psicológico como a depressão, o transtorno de ansiedade e a esquizofrenia entre outras¹, também podem estar relacionadas ao estresse que pode vulnerabilizar o organismo para uma patologia em particular - diátese-estresse.

Contudo, diante do que foi exposto, nossa intenção se configura na advertência de que o estresse não é especificadamente e isoladamente a causa de algumas doenças, não obstante, o que acontece é a amplificação do estresse que até certo ponto deixa de ser normal e se torna, sobretudo, altamente danoso a incolumidade humana. Portanto, o inimigo atrás da trincheira não é especificamente o estresse, mas sim os eventos estressores causados pela forma de acumulação integral em que vivemos e contra a qual temos que lutar incansavelmente na esperança revolucionária.

Referências Bibliográficas

DANTAS, G.A *Medina dos Sintomas*. 1ed. Brasília: Itacaiúnas, 2015.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. In: Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de janeiro: Imago, 2006.

FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de janeiro: Zahar, 1983.

HOLMES, D.S. *Psicologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ILLICH, I. *A expropriação da saúde. Nêmesis da medicina*. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DATASUS. *Departamento de informática do SUS*. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/559-infarto-agudo-do-miocardio-e-primeira-caoa-de-mortes-no-pais-revela-dados-do-datasus>. Acesso em: 29 de abril de 2016.

¹ Essas doenças não envolvem dano tecidual, por isso são tratadas aqui como psicológicas.

SCHNEIDER, M. *Neurose e classes sociais: uma síntese Freudiano-Marxista*. Rio de janeiro: Zahar, 1977.